

Etnotaxonomia e tabus alimentares dos pescadores artesanais nos açudes Araras e Edson Queiroz, bacia do Rio Acaraú, Ceará, Brasil

Etnotaxonomia and food taboos of artisanal fishermen in the dams Araras and Edson Queiroz, river basin Acaraú, Ceará, Brazil

Leidiane Priscila de Paiva Batista

Departamento de Biologia, Universidade Federal do Ceará.
Correo electrónico: leidianepiscilla@gmail.com

Jorge Iván Sánchez Botero

Departamento de Biologia, Universidade Federal do Ceará.
Correo electrónico: jisbar@gmail.com

Edson Oliveira de Paula

Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará.
Correo electrónico: edsonoliveirax@gmail.com

Edson Vicente da Silva

Departamento de Geografia, Universidade Federal do Ceará.
Correo electrónico: cacauceara@gmail.com

Resumo: A etnoictiologia visa descrever e valorizar os conhecimentos dos pescadores artesanais, através estudos que comprovem que estes são portadores de conhecimentos bioecológicos acerca dos peixes que capturam. Desta forma, objetivou-se avaliar a etnotaxonomia e os tabus alimentares dos pescadores artesanais dos açudes públicos Araras e Edson Queiroz (Ceará, Brasil). Selecionou-se uma população representativa de pescadores para cada um destes açudes: Ilha de Esaú, para o reservatório Araras, e Vila São Cosme, para o reservatório Edson Queiroz. Foram realizadas observação participante, entrevistas semi-estruturadas, estímulo visual e turnês guiadas com pescadores das populações selecionadas. Entrevistaram-se vinte pescadores na Vila São Cosme e vinte e quatro na Ilha de Esaú abordando aspectos socioeconômicos da pesca e etnoecológicos das principais espécies de peixes capturadas. Foram citados vinte etnoespécies de peixes e uma de camarão como sendo capturadas nos

açudes. Na classificação da ictiofauna, os pescadores utilizam aspectos morfológicos e etológicos, apresentando várias etnoespécies com nomes genéricos e poucas com nomes binomiais. Em sua dieta, estas populações consomem peixes, como principal fonte de proteína animal, havendo restrições por caráter social e cultural. Deste modo, pela consistência dos saberes dos pescadores da Ilha de Esaú e da Vila São Cosme, estes conhecimentos podem ser incorporados na elaboração de planos de gestão e manejo sustentável dos recursos hídricos e pesqueiros dos açudes Araras e Edson Queiroz.

Palavras-chaves: pesca, etnoictiologia, reservatório, caatinga.

Abstract: The ethnoichthyology aims to describe and enhance the knowledge of fishermen, through studies that prove that they are carriers of bio-ecological knowledge about

the fish they catch. Thus, this study aimed to evaluate the ethnotaxonomy and food taboos of fisherfolk public weirs Araras and Edson Queiroz (Ceará, Brazil). Was selected a representative population of fishermen for each of these weirs: Ilha de Esaú, for the Araras reservoir, and Vila São Cosme, to Edson Queiroz reservoir. They were conducted participant observation, semi-structured interviews, visual stimulation and guided tours with fishermen in selected populations. Twenty fishermen interviewed in Vila São Cosme and twenty-four in Ilha de Esaú addressing socioeconomic aspects of fisheries and ethnoecological of the main species of fish. Twenty ethnosppecies were cited of fish and shrimp to be caught in weirs. In

the classification of fish populations, fishermen using morphological and ecological aspects, presenting several ethnosppecies with generic and few names binomial names. In your diet, these people consume fish as the main source of animal protein, and there are restrictions on social and cultural character. Thus, the consistency of knowledge of the fishermen of the Ilha de Esaú and Vila São Cosme, this knowledge can be incorporated in the development of management plans and sustainable management of water and fishing resources of weirs Araras and Edson Queiroz.

Keywords: fishing, ethnoictiology, reservoir, caatinga.

Recibido: junio 2016

Aceptado: septiembre 2016

1. Introdução

As sociedades tradicionais são grupos humanos diferenciados culturalmente, com modo de vida reproduzido relativamente isolado e baseado na cooperação social e relação com a natureza. Assim, os saberes construídos por estes grupos compõem um conjunto de conhecimentos sobre o mundo natural e sobrenatural transmitido oralmente, de geração em geração (DIEGUES; COELHO, 2015) e essencial à sobrevivência dos indivíduos pertencentes a eles.

Como um ramo da etnociência, a etnoictiologia objetiva descrever e valorizar os conhecimentos tradicionais das comunidades de pescadores artesanais, através de estudos que comprovem que estes são portadores de conhecimentos acerca dos peixes que capturam (LOSS; COSTA-NETO; FLORES, 2015). Estes saberes são necessários para o manejo sustentável dos recursos pesqueiros (DIEGUES; COELHO 2015).

Com o mesmo intuito, a Etnoecologia consiste em conhecer como as sociedades tradicionais classificam e utilizam os recursos naturais (CARVALHO & BERGAMASCO, 2010). Assim, os sistemas de classificação destas populações compõem herança cultural e manifestam a relação destes grupos com a natureza (CASTRO, 2000).

Desde a época colonial, a pesca artesanal em águas continentais no semiárido nordestino, representou uma fonte alternativa de proteína animal na alimentação do povo sertanejo (POMPEU SOBRINHO, 1937). Peixes sobreviventes em poços fluviais eram um dos últimos recursos alimentares para os cearenses durante a seca (POMPEU SOBRINHO, 1940). Após 1906, os primeiros açudes foram construídos no Nordeste e os peixes capturados nestes reservatórios tiveram a mesma importância para os retirantes nordestinos.

No entorno dos açudes Edson Queiroz e Araras, localizados na bacia hidrográfica do rio Acaraú, no setor noroeste do estado do Ceará, moram grupos de pescadores

artesanais que possuem como principal atividade de subsistência a pesca nestes ecossistemas. Sendo assim, este estudo avaliou a etnotaxonomia e os tabus alimentares dos pescadores artesanais dos açudes Araras e Edson Queiroz, identificando as categorias de classificação adotadas por esses pescadores e os tipos de restrições alimentares das comunidades estudadas.

2. Delimitação e Caracterização da Área de Estudo

Os açudes públicos Paulo Sarasate, conhecido por Araras, e Edson Queiroz, que recebe o nome local de Serrote, fazem parte do alto curso da bacia hidrográfica do rio Acaraú, no setor noroeste do estado do Ceará. Suas barragens localizam-se, respectivamente, nos municípios de Varjota e Santa Quitéria, barrando os respectivos cursos d'água: rio Acaraú e rio Groaíras. A área do reservatório Araras (3.520 km²) é quase duas vezes maior que a do reservatório Edson Queiroz (1.765 km²). A capacidade do primeiro é de 891 m³ enquanto o segundo possui a capacidade de 254 m³.

Estes reservatórios possibilitam a perenização artificial de 339 km do rio Acaraú juntamente com outros açudes públicos com menor capacidade de armazenamento: Acaraú Mirim, Arrebita, Bom Jesus I, Bonito, Carão, Carmina, Farias de Sousa, Flamengo, Forquilha, Jaibaras, Mocambinho, Olheiros, Poço Salgado, Sobral, Soares e São Vicente.

O clima na localidade é semiárido tropical, com elevada insolação, temperatura média mensal acima de 28 °C e chuvas irregulares concentradas entre os meses de fevereiro e maio. A precipitação média anual de 876,1 mm no açude Paulo Sarasate e 771,8 mm no açude Edson Queiroz (CEARÁ, 2010) e respectiva vazão regularizada de 3,7 m³/s e 3,5 m³/s (FUNCEME, 2012).

Localizados na Depressão Sertaneja, o terreno ocupado por estes açudes é do tipo cristalino com solos do tipo Luvissole (Bruno Não-Cálcico) - pouca profundidade, superficialmente pedregosos e suscetíveis à erosão. A unidade fitoecológica predominante é a caatinga do tipo arbustiva aberta (CEARÁ, 2010) associada aos solos rasos e à deficiência hídrica. A mata ciliar dos dois reservatórios encontra-se degradada, elevando os riscos de assoreamento destes ecossistemas e de perda na qualidade da água.

As águas destes ecossistemas são utilizadas para consumo humano e animal, abastecimento hidro-agrícola, lazer, controle de cheias, atividade pesqueira, piscicultura e geração de energia. Este último uso refere-se apenas ao açude Araras. O gerenciamento e o monitoramento das águas destes açudes são realizados pela Companhia de Gestão dos Recursos Hídricos (COGERH), cabendo ao DNOCS o monitoramento da atividade pesqueira nestes ecossistemas, que possuem em seu entorno comunidades de pescadores artesanais que fazem da pesca em água doce seu principal meio de subsistência.

O açude Araras, construído entre os anos de 1951 e 1958 (DNOCS, 1982), localiza-se na sub-bacia do afluente principal do rio Acaraú, com o mesmo nome. Encontra-se entre os limites dos municípios de Varjota, Hidrolândia, Pires Ferreira, Ipú e Santa Quitéria. Por sua vez, o açude Serrote foi construído entre 1984 e 1987, como parte do Plano Diretor de Desenvolvimento do Vale do Acaraú, com o intuito de implantar uma rede de irrigação (DNOCS, 1982).

3. Procedimentos Metodológicos

Coleta de dados

Foram obtidas entre os anos de 2011 e 2013, informações sobre a morfologia e morfometria dos açudes e de seu entorno, dos habitantes e de suas atividades, através de entrevistas e levantamentos de relatórios em órgãos e instituições públicas, como o Departamento Nacional de obras Contra a Seca – DNOCS, a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos – FUNCEME e o Instituto Brasileiro de Meio Ambiente - IBAMA.

A seguir, realizou-se levantamento das populações de pescadores artesanais que habitam o entorno dos açudes Araras e Serrote através de entrevistas com alguns pescadores e técnicos do DNOCS. Depois, todas as localidades no entorno do reservatório Edson Queiroz foram percorridas e foram avaliadas as que tinham maior número de pescadores artesanais no reservatório Araras. Nestas, aplicou-se um formulário com questões abertas sobre aspectos históricos e econômicos das localidades, com o objetivo de selecionar, juntamente por meio de observações, uma população representativa para cada açude. Os critérios para seleção foram: prática de pesca artesanal pelos moradores ou a maioria destes; número de moradores; acessibilidade das rodovias; período de ocupação da localidade, com preferência para as populações mais antigas na região. Dentro destes critérios, foi selecionada a comunidade da Ilha de Esaú, no açude Araras, e a comunidade da Vila São Cosme, no açude Edson Queiroz.

Após a seleção, as localidades foram visitadas novamente para observação participante e aplicação de entrevistas parcialmente estruturadas. A primeira metodologia trata da investigação da realidade observada de “dentro” das próprias comunidades estudadas (ALBUQUERQUE, LUCENA & ALENCAR, 2010), baseada no convívio entre o pesquisador e os membros destas (AMOROZO & VIERTLER, 2010) e do acompanhamento de atividades corriqueiras (SOUTO, 2004), incluindo aquelas relacionadas à pesca, como limpeza do pescado e confecção de redes. Ao seu tempo, a entrevista parcialmente estruturada ou semi-estruturada foi composta por tópicos fixos e tópicos redefinidos ao longo da pesquisa, com a intenção de canalizar o diálogo para o objeto pesquisado, flexibilizando o surgimento de novos temas durante a entrevista à medida que foram apresentados pelo entrevistado (VIERTLER, 2002; ALBUQUERQUE, LUCENA; ALENCAR, 2010). Estas entrevistas, foram baseadas em um formulário com questões abertas e semi-abertas, que discorreram sobre os aspectos gerais da pesca, a classificação das principais etnoespécies de peixes comerciais capturadas pelos pescadores nos reservatórios em estudo e os tabus alimentares destes com relação ao pescado.

A seleção dos entrevistados foi aleatória, com estes sendo contatados em suas casas ou nas moradias de amigos. Logo, não houve distinção entre sexo, idade ou qualquer outro fator, para que se obtivesse uma amostragem representante dos pescadores artesanais da comunidade em sua totalidade. O registro das entrevistas foi realizado em diário de campo e em gravações de áudio, esta última somente quando autorizadas pelos entrevistados. Foram efetuadas turnês guiadas, nas quais os pescadores atuaram como guias durante as atividades pesqueiras (GRENIER, 1998), como disposição e recolhimento de apetrechos de pesca.

O número médio de pescadores artesanais em cada localidade foi estimado através de informações obtidas dos próprios pescadores (CEREGATO & PETRERE JR, 2002). Deste modo, foram entrevistados 40% do valor estimado (*op. cit.*). Optou-se por utilizar termos locais durante todas as entrevistas realizadas, com o a finalidade de facilitar o diálogo entre pesquisador e pesquisado.

Durante as visitas ao entorno de cada reservatório, indagou-se aos pescadores quais as variedades de peixes coletadas por estes. Para a identificação dos nomes científicos equivalentes às etnoespécies citadas utilizaram-se guias de peixes comerciais para águas doces do Brasil (PAIVA, 1983; SANTOS, FERREIRA & ZUANON, 2006; SOARES *et al*, 2007; FROESE & PAULY, 2011). As fotografias presentes nestes guias foram apresentadas aos entrevistados para estímulo visual e facilitação da identificação científica das espécies (MARTIN, 1995; MEDEIROS *et al*, 2010). A confirmação das espécies foi feita junto ao Laboratório de Ecologia da Universidade Federal do Ceará, por meio do projeto “Produtividade pesqueira em açudes da bacia do rio Acaraú, estado do Ceará, Brasil”, que realizou coletas experimentais de peixes nos dois açudes em estudos e a identificação taxonômica dos exemplares coletados. Tanto o material etnoecológico coletado durante as entrevistas deste trabalho como o os exemplares de peixes capturados pelo referido projeto foram incorporados ao acervo científico do Laboratório de Ecologia da Universidade Federal do Ceará.

3.2 Análise de dados

Neste estudo, assumiram-se como etnoespécies táxons reconhecidos localmente que possuem correspondência com espécies encontradas na ictiologia científica (MARQUES, 1995). Assim, as etnoespécies são correspondentes a uma ou mais espécies lineanas.

Para a comparação dos conhecimentos etnoictiológicos com a literatura científica, realizou-se um levantamento bibliográfico detalhado em livros, revistas acadêmicas e bases de dados sobre a ecologia e taxonomia das espécies de peixes citadas pelos pescadores.

É preciso ponderar que, para fins de análise, considerou-se as etnoespécies traíra-preta e traíra amarela pelo seu etnogênero traíra (*Hoplias* sp.), visto que, durante as entrevistas sobre aspectos ecológicos, os pescadores se referiram apenas pelo etnogênero, dificilmente, fazendo diferenciação entre as mesmas.

4. Caracterização das Populações Pesqueiras dos Açudes Araras e Edson Queiroz

Com a análise realizada no entorno do açude público Edson Queiroz identificou-se três localidades habitadas por pescadores artesanais: Vila Santa Margarida, Vila São Cosme e Vila São Damiano (Quadro I). Por outro lado, identificaram-se vinte e quatro localidades no entorno do açude Araras habitadas por pescadores artesanais. No município de Varjota são as seguintes: Guarita Geral, Jatobá, Olho D 'água, Pedreira. No município de Pires Ferreira: Ilha do Cipó, Laginha, Otavilândia, Santa Tereza

II, Serrota dos Carneiros. No município de Santa Quitéria: Capoeirão, Pau-Branco, Sangradouro, São Domingos. No município de Hidrolândia: Tenhamão, Ilha de Esaú, Ilha dos Freitas, Jurema, Santa Tereza do Alípio, Santa Tereza do Alteiro, Santa Tereza do Silvino. E no município de Ipú: Santa Tereza I (Quadro II). Entre estas, as que apresentaram uma maior quantidade de pescadores foram: João Nobre, Ilha de Esaú, Lajinha, Otavilândia, Sangradouro, Santa Tereza I, Santa Tereza do Silvino e Serrota dos Carneiros.

QUADRO I: Comunidades localizadas no entorno do açude Edson Queiroz, Bacia do rio Acaraú, Ceará.

MUNICÍPIO	COMUNIDADE	Nº DE PESCADORES
SANTA QUITÉRIA	Vila Santa Margarida	20
	Vila São Cosme	50
	Vila São Damião	70

A partir dos critérios de seleção mencionados anteriormente, escolheu-se para continuidade representante a Vila São Cosme no açude Serrote. Nesta localidade à maioria dos seus habitantes tiveram a pesca como principal atividade para sobrevivência familiar; com uma média de cinquenta pescadores, tornando a pesquisa mais significativa; razoavelmente acessível com relação a estradas; e existir desde a construção do açude. Por sua vez, a localidade selecionada no açude Araras foi a Ilha de Esaú por possuir setenta pescadores; a maioria dos moradores serem envolvidos com a pesca; ter acesso razoável; e existir desde a inauguração do açude.

Estas localidades, basicamente, surgiram ou cresceram demograficamente após o início do funcionamento dos açudes. As famílias de pescadores foram atraídas dos municípios vizinhos pela elevada quantidade de peixes, característica de açudes com pouca idade, pois após a sua construção, um açude apresenta elevada produtividade devido à incorporação de diversos habitats (AGOSTINHO, PELICICE & GOMES, 2008), à sedimentação e à decomposição de matéria orgânica oriunda da vegetação alagada (PETREIRE JR, 1992), sendo provável este evento ter ocorrido após o alagamento dos reservatórios Araras e Serrote.

QUADRO II: Comunidades localizadas no entorno do açude Paulo Sarasate, Bacia do rio Acaraú, Ceará.

MUNICÍPIO	COMUNIDADE	Nº DE PESCADORES
IPÚ	Santa Tereza I	25
	HIDROLÂNDIA	
	Ilha de Esaú	60
	Ilha dos Freitas	< 10
	Jurema	< 10
	Santa Tereza do Alípio	< 10
	Santa Tereza do Alteiro	< 10
	Santa Tereza do Silvino	50
	Tenhamão	< 10
PIRES FERREIRA	Ilha do Cipó	< 10
	Lajinha	10
	Otavilândia	27
SANTA QUITÉRIA	Santa Tereza II	< 10
	Serrota dos Carneiros	19
	Capoeirão	< 10
	Pau-Branco	< 10
	Sangradouro	150
VARJOTA	São Domingos	< 10
	Guarita Geral	< 10
	Jatobá	28
	Olho D'água	< 10

4.1 Enotaxonomia

A identificação, classificação e nomeação popular dos seres vivos é um ramo da etnobiologia denominado de etnotaxonomia ou taxonomia *folk*. Do mesmo modo que a taxonomia científica, a etnotaxonomia agrupa informações valiosas sobre biologia e ecologia de grupos de plantas e de animais, porém possui menos níveis hierárquicos (MOURÃO & NORDI, 2002). Para estes autores, esta diferença é ocasionada, provavelmente, devido ao artificialismo assumido pelos taxonomistas, em contraste

com as culturas tradicionais que compreendem o mundo natural de forma holística.

Dentro da etnoictiologia, a etnotaxonomia estuda a nomenclatura e a classificação dos peixes feita pelos pescadores. No Brasil, vários trabalhos comparam a taxonomia científica de peixes com a taxonomia *folk* de diversas culturas tradicionais (LOSS; COSTA-NETO; FLORES, 2015; MOURÃO; NORDI, 2003; LOPES, 2004).

Nas comunidades tradicionais Vila São Cosme e Ilha de Esaú, os pescadores artesanais consideram uma abrangente etnocategoria denominada “peixes”, em que a maior parte dos animais nela incluídos compõe a superclasse Pisces na taxonomia científica. As divergências foram: o muçum (*Synbranchus marmoratus*), o qual alguns pescadores não reconheceram como peixe e o camarão (*Macrobrachium* sp.), que ocasionalmente foi considerado por alguns pescadores como peixe. Por não haver concordância, o camarão foi excluído do restante desta análise.

Neste contexto, os peixes capturados pelos pescadores foram classificados por eles em quinze etnogêneros e vinte etnoespécies (Quadro III). Alguns destes etnogêneros agregaram mais de uma etnoespécie, que se apresentaram como binomiais. São eles, os etnogêneros cará e piaba que agruparam três etnoespécies cada um e o etnogênero traíra, que agrupou duas etnoespécies.

QUADRO III: Etnogêneros e etnoespécies apresentados pelos pescadores da Vila São Cosme e Ilha de Esaú com a correspondente classificação científica.

ETNOTAXONOMIA		TAXONOMIA CIENTÍFICA
Etnogênero	Etnoespécie	Espécie
Branquinha	Branquinha	<i>Curimata</i> sp.
Bodó	Bodó	<i>Hypostomus jaguribensis</i>
Cangati	cangati	<i>Trachelyopterus</i> cf. <i>galeatus</i>
Cará	cará-do-olhão	Espécie não encontrada
	cará-peba	<i>Cichlasoma</i> cf. <i>orientale</i>
	cará-tilápia	<i>Oreochromis niloticus</i> e <i>Tilapia rendalli</i>
Carpa	Carpa	<i>Cyprinus carpio</i>
Curimatã	curmatã	<i>Prochilodus brevis</i>
Jacundá	jacundá	<i>Crenicichla</i> sp.
Muçum	Muçum	<i>Synbranchus marmoratus</i>
Pescada	pescada-branca	<i>Plagioscion squamosissimus</i>
Piaba	piaba-branca	<i>Astyanax</i> sp. ¹
	piaba-chata	<i>Astyanax</i> sp. ²
	piabussu	<i>Steindachnerina</i> cf. <i>notonota</i>
Piau	Piau	<i>Leporinus</i> sp.
Sardinha	sardinha	<i>Thiiportheus signatus</i>
Tambaqui	tambaqui	<i>Colossoma macropomum</i>
Traíra	traíra-amarela	<i>Hoplias</i> sp.
	traíra-preta	<i>Hoplias</i> sp.
Tucunaré	tucunaré	<i>Cichla</i> cf. <i>ocellaris</i>

Elaborado por Batista (2012).

Por sua vez, o etnogênero pescada apresentou uma etnoespécie identificada com termo binomial (pescada-branca), o que indica que os pescadores conhecem mais de um tipo de pescada, entretanto somente esta é encontrada nos reservatórios Araras e Edson Queiroz. Uma vez que apenas a pescada-branca (*Plagioscion squamosissimus*) é capturada na localidade, comumente, os moradores a nomeiam somente como pescada ou pescadinha.

Ainda a respeito da taxonomia *folk* da espécie *Plagioscion squamosissimus* não somente das localidades em estudo, mas de todas aquelas que foram visitadas no entorno do açude Araras e Edson Queiroz, esta apresentou classificação sequencial. Ou seja, houve diferenciação nominal de acordo com o tamanho dos indivíduos desta espécie: o filhote é denominado de peixota, o adulto com menos de um metro de comprimento, de girigóia, enquanto somente o adulto acima de um metro recebe o nome de pescada.

Entre os pescadores brasileiros foram registrados outros casos de diferenciação nominal de uma etnoespécie a respeito do tamanho ou do período de vida. Em Alagoas, foi encontrada classificação sequencial de Mugilídeos (MARQUES, 1991). Na região do médio São Francisco-BA, foram registradas duas denominações para *Prochilodus marggravii*: curimbão e crumatá (LOSS; COSTA-NETO; FLORES, 2015). Em São Paulo, apresentaram-se três casos de classificação sequencial, o *Caranx crysos* foi denominado: rabo-azedo e carapau; o *Oligoplites palometa*: tapera, guavira e solteira; e o *Seriola dumerilli*: olho-de-boi e pintagola (CORNETA, 2008).

A maioria das etnoespécies foi apresentada pelos pescadores como monotípica, preenchendo, simultaneamente, os níveis de etnogênero e etnoespécie. Estas possuem termos monominais, são elas: branquinha (*Curimata* sp.), bodó (*Hypostomus jaguribensis*), cangati (*Trachelyopterus* cf. *galeatus*), carpa (*Cyprinus carpio*), crumatá (*Prochilodus brevis*), jacundá (*Crenicichla* sp.), muçum (*Synbranchus marmoratus*), piau (*Leporinus* sp.), sardinha (*Thiportheus signatus*), tambaqui (*Colossoma macropomum*), tucunaré (*Cichla* cf. *ocellaris*). O termo monominal para denominar uma etnoespécie é justificado pela não ocorrência de outras etnoespécies pertencentes ao mesmo etnogênero, assim faz-se desnecessário a diferenciação.

Como critérios para classificação da ictiofauna, os pescadores da Vila São Cosme e da Ilha de Esaú utilizaram caracteres morfológicos, como: cor, tamanho e formato do corpo. Usaram ainda caracteres etológicos como: peixes de rebanho (agrupados em cardume); peixes de enxurrada (que realizam piracema) e peixes que roncam (que emitem sons semelhantes a um ronco) (Quadro IV).

É comum entre pescadores brasileiros este padrão de classificação dos peixes a partir de características morfológicas e comportamentais. Foi encontrado em Ilha Grande, Sudeste do Brasil, entre caiçaras (PRADO; SEIXAS & BERKES, 2015); em localidades próximas ao médio curso do rio São Francisco-BA (LOSS; COSTA-NETO; FLORES, 2015); entre pescadores do estuário do rio Mamanguape-PB (MOURÃO & NORDI, 2003). Assim, na classificação dos peixes que manejam, o pescador tende a considerar características por ele observadas durante o exercício da atividade pesqueira e de outras atividades vinculadas a esta, demonstrando em seu processo cognitivo a importância das experiências acumuladas.

QUADRO IV: Critérios de classificação dos peixes pelas comunidades Vila São Cosme e Ilha de Esaú, Ceará.

CRITÉRIO	ETNOCATEGORIA	ETNOESPÉCIE	NOME CIENTÍFICO
MORFOLÓGICO	Cor	branquinha	<i>Curimata</i> sp.
		cará-branco	<i>Cichlasoma</i> cf. <i>orientale</i>
		cará-preto	<i>Oreochromis niloticus</i> e <i>Tilapia rendalli</i>
		pescada-branca	<i>Plagioscion squamosissimus</i>
		piaba-branca	<i>Astyanax</i> sp. ¹
		traíra-amarela	<i>Hoplias</i> sp. ¹
		traíra-preta	<i>Hoplias</i> sp. ²
	Tamanho	branquinha.	<i>Curimata</i> sp.
		Peixota	<i>Plagioscion squamosissimus</i>
		pescadinha	<i>Plagioscion squamosissimus</i>
	Formato do corpo	cará-do-olhão	Espécie não encontrada*
		piaba-chata	<i>Astyanax</i> sp. ²
ETOLÓGICO	Peixes de rebanho	Curimatã	<i>Prochilodus brevis</i>
		Pescada	<i>Plagioscion squamosissimus</i>
		Piau	<i>Leporinus</i> sp.
		Sardinha	<i>Thiportheus signatus</i>
	Peixes de enxurrada	Curimatã	<i>Prochilodus brevis</i>
		Piau	<i>Leporinus</i> sp.
	Peixes que rocam	Curimatã	<i>Prochilodus brevis</i>
		Pescada	<i>Plagioscion squamosissimus</i>

Elaborado por Batista (2012).

4.2 Tabus alimentares

Os tabus alimentares são restrições alimentares baseados em origens sociais e culturais comuns entre os membros de um grupo (GARINE, 1995), e estão ligadas ao emocional e à história das pessoas. Os tabus alimentares baseiam-se em crenças e superstições relacionadas ao consumo ou mistura de determinados alimentos que são justificadas por questões alimentares ou religiosas.

No Brasil, os tabus alimentares são conhecidos popularmente como *reima* ou *carrego*. Com isso, os alimentos são classificados em perigosos (*reimosos/ carregados*) e não perigosos (*não-reimosos/ não-carregados*) (SILVA, 2007). Os primeiros são, frequentemente, restritos a pessoas enfermas, em pós-operatórios e a mulheres menstruadas ou gestantes, com o intuito de preservar o equilíbrio entre o corpo e o espírito (MURRIETA, 1998). Entre os pescadores de diversas localidades brasileiras, o consumo de algumas espécies de peixes é considerado tabu alimentar (BEGOSSI; CLAUZET; DYBALL, 2015; LOSS; COSTA-NETO; FLORES, 2015; SILVA, 2007; RAMIRES *et al*, 2015).

Nas comunidades de pescadores Ilha de Esaú e Vila São Cosme, os tabus alimentares consistem em evitar o consumo de camarão e algumas espécies ícticas por considerá-los *reimosos*, ou seja, prejudiciais a pessoas doentes, feridas, em pós-operatório e a mulheres

em recuperação após o parto. Estas pessoas, por estarem em situação especial, devem ter cuidado peculiar com a alimentação, pois os entrevistados acreditaram que o consumo de alimentos *reimosos carregados* afeta a recuperação da saúde.

Contudo, notou-se que a adoção desta superstição não é unânime. O percentual de 34,8% na Ilha de Esaú e de 38,9% na Vila São Cosme afirmou não haver peixes *reimosos* com frases do tipo: “A reima do peixe quem faz é o povo” e “O que é reimoso é as pessoas. Nenhum peixe é reimoso, não”. O alto percentual de pessoas nas comunidades em foco que não acreditam neste tabu alimentar pode justificar-se pelo baixo poder aquisitivo da considerável parte dos moradores, estabelecendo o difícil acesso financeiro a outras fontes de proteínas como carne bovina e avícola, induzindo assim com que rejeitem a restrição ao consumo do pescado.

No que concerne ao pescado considerado como reimoso, o curimatã (*P. brevis*) e o camarão (*Macrobrachium* sp.) predominaram tanto para os pescadores da Ilha de Esaú (respectivamente 36% e 23%) como para os pescadores da Vila São Cosme (respectivamente 25% e 30%). A traíra (*H. malabaricus* e *H. brasiliensis*) também figurou entre as etnoespécies mais citadas em ambas as comunidades, com o percentual respectivo de 9% e 17%. Ao seu tempo, o tucunaré (*C. ocellaris*) foi significativamente considerado reimoso (10%) na Ilha de Esaú, porém só obteve 3% das citações na Vila São Cosme. As demais etnoespécies foram citadas poucas vezes, assumindo um percentual igual ou menor que 5%. Esses dados são apresentados a seguir (figura 1 e 2):

Peixes reimosos - Ilha de Esaú

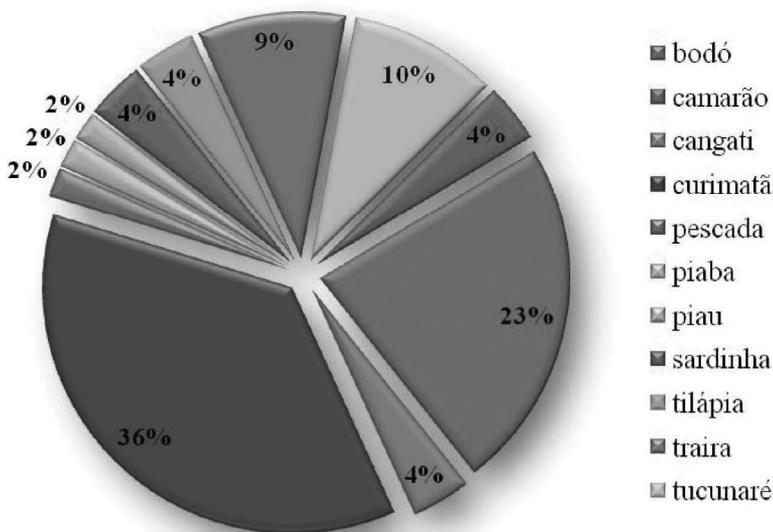


Figura 1: Percentual dos peixes considerados reimosos pelos pescadores da Ilha de Esaú, Município de Hidrolândia, Ceará.

Peixes reimosos - Vila São Cosme

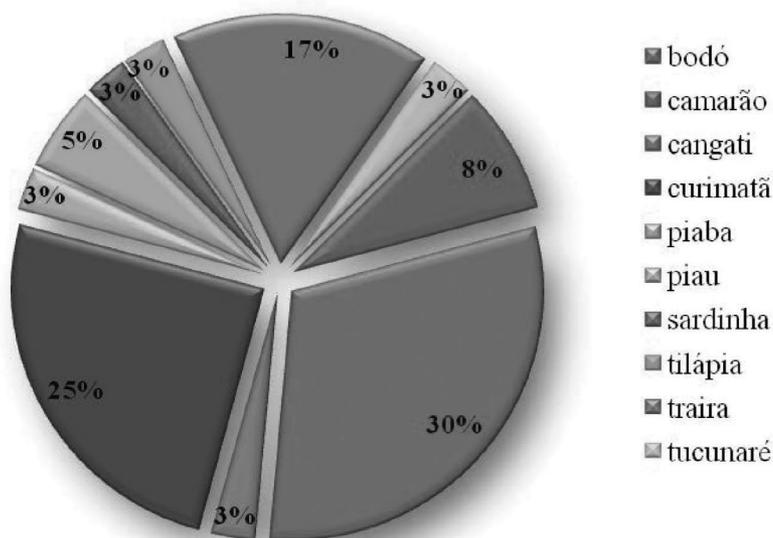


Figura 2: Percentual dos peixes considerados reimosos pelos pescadores da Vila São Cosme, Município de Santa Quitéria, Ceará.

Outro tabu alimentar apresentado entre as populações em estudo é a recusa à ingestão de determinados peixes por considerarem-nos “sujos” E, por isso, impróprios ao consumo. São estes: a traíra (*H. malabaricus* e *H. brasiliensis*) e o piau (*Leporinus* sp.). Esta definição deve-se ao hábito alimentar carnívoro do gênero *Hoplias* (ARCIFA & MESCHIATTI, 2003) e onívoro do *Leporinus* sp. (VELLUDO, 2007). Segundo os entrevistados, a traíra, é “suja” por devorar oportunamente sapos e cobras, enquanto o piau devora cadáveres de pessoas e outros animais.

Assim, os pescadores apresentaram repugnância por considerarem que ao ingerirem estes peixes estariam ingerindo a “sujeira” oriunda da alimentação dos mesmos. Este padrão de tabu alimentar foi relatado por Costa-Neto (2000) em pescadores na Bahia, e por Begossi *et al* (2015) e Ramires (2008) em pescadores de São Paulo.

Por fim, conclui-se que os tabus alimentares apresentados pelos pescadores artesanais da Ilha de Esaú e da Vila São Cosme possuem caráter temporário de acordo com estado físico do indivíduo e caráter permanente baseado na rejeição aos hábitos alimentares dos peixes. Quanto aos pescadores que afirmaram não possuir restrição alimentar, provavelmente, deve-se a questões econômicas de acesso financeiro a outras fontes de proteínas animal.

5. Conclusões

As comunidades de pescadores artesanais Ilha de Esaú e Vila São Cosme, que habitam as margens dos açudes Araras e Edson Queiroz, respectivamente, exercem a pesca como principal atividade de subsistência familiar. Embora sejam comunidades com pouco tempo de existência, pelo modo de vida que possuem e outras características socioculturais, estão em via de tornarem-se grupos tradicionais.

No que se refere à taxonomia folk destas comunidades, a maior parte das etnoespécies apresentaram nomes genéricos, havendo alguns binomiais. Como critérios de classificação, notou-se o uso de características morfológicas e etológicas na identificação da ictiofauna. Isto aponta para importância das experiências vivenciadas ao longo da atividade de pesca e de outras atividades relacionadas na construção e acumulação dos saberes por parte destes grupos.

Ao seu tempo, quanto à dieta das populações estudadas, a principal fonte de proteína animal é o peixe por questões de ordem econômica e cultural. As restrições alimentares são de caráter social e cultural, seguindo padrões apontados na literatura. Estas podem ser permanentes – ojeriza há alguns tipos de peixes – ou temporárias – de acordo com o estado de saúde dos indivíduos.

6. Referências bibliográficas

- Agostinho, A. A.; Pelicice, F. M.; Gomes, L. C. Dams and the fish fauna of the Neotropical region: impacts and management related to diversity and fisheries. *Brazilian Journal of Biology*, v. 68, n. 4, p. 1119-1132, 2008.
- Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Alencar, N. L. Métodos e técnicas para tade dados etnobiológicos. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.; Cunha, L. V. F. C. (Org.s) *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: Nupeea, 2010. 559 p.
- Amorozo, M. C. M.; Viertler, R. B. abordagem qualitativa na coleta e análise de dados em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P.;
- Cunha, L. V. F. C. (Org.s) *Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA, 2010. 559 p.
- Arcifa, M. S.; Meschiatti, A. J. Distribution and feeding ecology of fishes in a Brazilian reservoir: Lake Monte Alegre. *Interciência*. v. 18, n. 06, p. 302-313, 2003.
- Begossi, A.; Clauzet, M.; Dyball, R. Comunidades Pesqueiras, Etnoecologia, Ecologia Humana e Segurança Alimentar: uma revisão de conceitos, modelos e ensino. *Segurança Alimentar e Nutricional*, v. 22, n. 1, p. 574-590, 2015.
- Carvalho, I. S. H. de & Bergamasco, S. M. P. P. Sociologia Rural e Etnociências: Convergências e Diálogos Interdisciplinares. Encontro Nacional da Anppas, 5, 2010, Florianópolis. *Anais*. Florianópolis: ANPPAS, 2010. Disponível em: <<http://www.anppas.org.br/encontro5/cd/artigos/GT10-107-195-20100903164657.pdf>>. Acesso em: 08 de jan. de 2011.

- Castro, I. E. Territórios, biodiversidade e saberes de populações tradicionais. In: DIEGUES, A. C. S. (org.) *Etnoconservação: novos rumos para a proteção da natureza nos trópicos*. São Paulo: Hucitec, 2000.
- Ceará, Secretária de Recursos Hídricos. *Plano de gerenciamento das águas da bacia do Acaraú – Fase I: Estudos básicos e diagnóstico*. 2010. 476 p.
- Ceregato, S. A.; Petrere JR, M. Aspectos sócio-econômicos das pescarias artesanais realizadas no complexo de Urubupungá e a sua jusante no Rio Paraná. *Holos Environment*, v. 2, n. 1, p. 01-24, 2002.
- Corneta, C. M. *Etnoecologia de pescadores artesanais da Vila Picinguaba, Ubatuba, São Paulo*. Campinas: UNICAMP, 65 p, 2004. Dissertação (Mestrado em Ecologia) - Programa de Pós – Instituto de Biologia, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.
- Costa-Neto, E. M. Restrições e preferências alimentares em comunidades de pescadores do município de Conde, da Bahia, Brasil. *Revista de Nutrição*, Campinas, v. 13, n. 2, p. 117- 126, 2000.
- Diegues, A. C.; Coelho, D. M. T. O registro do fandango caiçara e sua eficácia. *Vivência: Revista de Antropologia*, v. 1, n. 44, 2015.
- Dnocs. *Arquivo Técnico*. Processos do Açude Público Araras. S.n.t. Governo do Estado do Ceará. Superintendência do Desenvolvimento do Estado do Ceará. Mapa do Estado do Ceará. Esc.1:500.000. Fortaleza, SUDEC 1982.
- Froese, R.; Pauly, D. (Ed.s). *FishBase*. World Wide Web electronic publication, versão (02/2011). 2011. Disponível em: <<http://www.fishbase.org>>. Acesso em: mar. 2011.
- Funceme. *Portal hidrológico do Ceará*: volume armazenado – reservatórios. 2012. Disponível em: <http://www.hidro.ce.gov.br/reservatorios/volume/nivel-diario>. Acesso em: 07 de janeiro de 2012.
- Garine, I. The Diet and Nutrition of Human Populations. In; INGOLG, T. (Ed.), *Companion Encyclopedia of Anthropology, London, Routledge*, p. 226-64, 1995.
- Grenier, L. *Working with indigenous knowledge: a guide for researchers*. International Research Centre, Ottawa, 1998, 155 p.
- Lopes, P. F. M. *Ecologia caiçara: pesca e uso de recursos na comunidade da praia do Puruba*. Campinas: UNICAMP, 117 p., 2004. Dissertação (Mestrado em Ecologia) – Programa de Pós – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.
- Loss, A. T. G.; Costa-Neto, E. M.; Flores, F. M. Ornitoágueres no Povoado de Pedra Branca, Santa Teresinha, Estado da Bahia, Nordeste do Brasil. *Etnobiología*, v. 11, n. 3, p. 45-53, 2015.
- Marques, J. G. W. Etnoictiologia: pescando pescadores nas águas da transdisciplinaridade. Encontro Brasileiro de Ictiologia, 11, 1995, Campinas. *Resumos*. Campinas: UNICAMP/Sociedade Brasileira de Ictiologia, 1995.
- Martin, G. J. *Etnobotânica: manual de métodos*. Montevideo: nordan-comunidad, 1995. 240p.
- Medeiros, P. M.; Almeida, A. L. S.; Lucena, R. F. P.; Souto, F. J. B.; Albuquerque, U. P. Uso de estímulos visuais na pesquisa etnobiológica. In: Albuquerque, U. P.; Lucena, R. F. P; Cunha, L. V. F. C. (Org.s). *Métodos e*

- técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica*. Recife: NUPEEA, 2010. 559 p.
- Mourão, J. S.; Nordi, N. Etnoictologia de pescadores artesanais do estuário o rio Mamanguape, Paraíba, Brasil. *Boletim do Instituto de Pesca*, v. 29, n.1, p. 9-17, 2003.
- Murrieta, R. S. S. O dilema do papa-chibé: consumo alimentar, nutrição e práticas de intervenção na Ilha de Ituqui, baixo Amazonas, Pará. *Revista de Antropologia*, v. 41, n. 1, 1998. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77011998000100004&lng=en&nrm=iso>. access on 27 Jan. 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-77011998000100004>.
- Paiva, M. P. *Peixes e pescas de águas interiores do Brasil*. Brasília: Editerra. 1983. 158p.
- Petriere JR., M. As comunidades humanas ribeirinhas na Amazônia e suas transformações sociais. In: DIEGUES, A. C. S. (Ed). *IV Encontro de Ciências Sociais e o Mar no Brasil: populações humanas, rios e mares da Amazônia*. PPCAUB-USP. São Paulo. p. 31-68, 1992.
- Pompeu Sobrinho, T. O homem do Nordeste. *Revista do Instituto do Ceará*, v. 51, p. 321-388, 1937a.
- _____. Alguns aspectos da geografia humana cearense. *Revista do Instituto do Ceará*, v.54, p. 153-192, 1940.
- Prado, D. S.; Seixas, C. S.; Berkes, F. Looking back and looking forward: Exploring livelihood change and resilience building in a Brazilian coastal community. *Ocean & Coastal Management*, v. 113, p. 29-37, 2015.
- RAMIRES, M. et al. Fishers' knowledge about fish trophic interactions in the southeastern Brazilian coast. *Journal of ethnobiology and ethnomedicine*, v. 11, n. 1, p. 1, 2015.
- Santos, G. M.; Ferreira, E. J. G; Zuanon, J. A. S. *Peixes comerciais de Manaus*. Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis (IBAMA). Manaus, Pró-Várzea, 2006. 144p.
- Silva, A. L. Comida de gente: preferências e tabus alimentares entre os ribeirinhos do médio rio Negro (Amazonas, Brasil). *Revista de Antropologia*, v. 50, n. 1, Jun. 2007 Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-77012007000100004&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 Jan. 2012.
- Souto, F. J. B. *A ciência que veio da lama: uma abordagem etnoecológica abrangente das relações ser humano/ manguezal na comunidade pesqueira de Acupe, Santo Amaro, Bahia São Carlos: UFSC*, 319 p, 2004. Tese (Doutorado em Ecologia e Recursos Naturais) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2004.
- Velludo, M. R.; Souza, J. E.; Yamada, M. V.; Fragoso, E. N.; Verani, N. F. Interações alimentares dos peixes do reservatório do Lobo (Broa), Brotas-Itirapina/SP, após introdução de espécies. Simpósio de Ecologia do PPGERN, 1, São Carlo, 2007. *Caderno de resumos expandidos*, v. 1. p. 141-149. São Carlos: UFS-CAR, 2007.
- Viertler, R. B. Métodos antropológicos como ferramenta para estudos em Etnobiologia e Etnoecologia. In: Amorozo, M.C.M., Ming, L.C.; Silva, S.M.P. (Or-

ETNOTAXONOMIA E TABUS ALIMENTARES DOS
PESCADORES ARTESANAIS NOS AÇUDES ARARAS
E EDSON QUEIROZ, BACIA DO RIO ACARAÚ,
CEARÁ, BRASIL

Leidiane Priscila de Paiva Batista
Jorge Iván Sánchez Botero
Edson Oliveira de Paula
Edson Vicente da Silva

g.s) *Métodos de coleta e análise de dados em Etnobiologia, Etnoecologia e disciplinas correlatas*: Anais do I Seminário de Etnobiologia e Etnoecologia do Sudeste. Rio Claro: UNESP/SBEE, 2002, 204 p.

